

Sylvia Fol

Billie Holiday

Tradução de WILLIAM LAGOS

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Ela era como um bloco de madeira

Quando, em fevereiro de 1948, a imprensa nova-iorquina anunciou que o Carnegie Hall¹ acolheria Billie Holiday para um único show no dia 27 de março seguinte, 2.700 entradas foram vendidas somente naquela tarde. Na noite da apresentação, centenas de pessoas se aglomeravam no cruzamento da Sétima Avenida com a Rua 57, diante do templo da consagração musical, tentando comprar entradas, dispostas a pagar duas ou três vezes o preço inicial. Quem teve mais sorte conseguiu comprar lugares no fundo do palco, atrás da cantora, enquanto os demais passaram a noite em pé...

Billie Holiday apareceu, saudada por um murmúrio de admiração e por assobios entusiásticos. Envolta em um vestido negro muito justo, cuja fenda deixava entrever suas pernas, usava longas luvas brancas que, pelo menos desta vez, não haviam sido colocadas para esconder as marcas de picadas de agulha. Seus cabelos estavam erguidos acima da cabeça por uma tiara escura contra a qual se destacavam três gardêneas brancas. Seus olhos inquietos percorriam a maré humana que se agitava além da ribalta. Ela relançou um olhar ao quarteto que a acompanhava, sorriu nervosamente e iniciou a interpretação de *All of Me*. Tão logo as primeiras notas foram identificadas, já desencadearam uma ovação. Ela recuperou um pouco de confiança. Eles não a tinham esquecido.

Parecia não haver nenhuma ordem estabelecida para o programa. Entre as peças, ela se virava para o pianista, Bobby Tucker, indicando-lhe *sotto voce*² o título seguinte. Uma perfeita osmose musical suplementava a falta de preparação.

Dez dias antes, ela ainda estava na cadeia.

Some Other Spring, Billie's Blues, You're Driving me Crazy... Ela ia encadeando as melodias e, à medida que

1. Famosa sala de espetáculos construída por iniciativa do magnata do aço e filantropo Andrew Carnegie (1835-1919). (N.T.)

2. Em voz baixa. Em italiano no original. (N.T.)

crepitaravam os aplausos, recuperava a confiança. Sua fisionomia estava transfigurada pelo reconhecimento do público e sua voz pungente despertava as emoções na plateia.

Billie tinha razões para sentir-se melancólica. Recém saíra de uma prisão em que havia passado um ano e um dia, parte do tempo fazendo um tratamento de desintoxicação. Um ano sem drogas, um ano sem cantar uma única nota...

Sua principal preocupação durante seu período de detenção tinha sido que o público não se afastasse dela. Em 1947, Billie era uma *star* incontestada, a cantora mais bem paga em todos os clubes da Rua 52 e também a mais conhecida. Apesar disso, não se sentia feliz. Dois anos antes, sua mãe, Sadie, morrera subitamente. Para Billie, aos trinta anos, renascia o terror do abandono. Durante toda a sua infância, fora entregue a si mesma, havia-se sentido abominavelmente rejeitada, considerando-se apenas tolerada mesmo nos lugares em que a tratavam bem. Não conseguia mais suportar a solidão afetiva e estava pronta para aguentar quaisquer tipos de maus-tratos, até mesmo uma dependência humilhante, preferindo-os a ficar sozinha. E a vida não a havia poupado. Os homens que havia encontrado não se enganavam ao perceber que podiam explorá-la sem escrúpulos.

Ao saber da morte de sua mãe, Billie caiu em uma profunda depressão. Sua angústia, afirmava ela, era a causa de seu alcoolismo e de seu abuso de drogas; de fato, era a única razão por que ela começara a se picar com heroína. Ou, pelo menos, foi o que ela afiançou ao médico da clínica de recuperação de Alderston.

Essa afirmação não era exatamente uma mentira.

Papai e Mamãe ainda eram crianças quando se casaram: ele tinha dezoito anos e ela dezesseis; e eu já tinha três...

Assim começa o texto de *Lady Sings the Blues*,³ a autobiografia de Bille Holiday. Mas a afirmação não é totalmente

3. “A dama canta o blues”, título da autobiografia de Billie Holiday. Em inglês no original. (N.T.)

exata. Na realidade, na ocasião do nascimento de Billie, Clarence Holiday tinha dezessete anos, e Sadie Fagan, sua mãe, dezenove. Eles não chegaram nunca a se casar. Apesar disso, quando sua mãe morreu, Billie declarou para a certidão de óbito que seu nome era Sadie Holiday, viúva de Clarence Holiday. Para a assistente social da casa de correção de Alderston, ela afirmou que tivera uma infância feliz e que os três formavam uma família unida. A criança que nunca chegara a crescer dentro dela exigia imagens semelhantes às da faiança de Épinal.⁴

Clarence... Sem a menor dúvida ela teria querido a presença de um pai em sua casa, um homem benevolente e terno que lhe houvesse inculcado uma disciplina de vida, regras a observar, todas essas coisas que criam um sentimento de personalidade e de inserção no tecido social. Mas Clarence era um músico de jazz, sempre em excursões com sua orquestra, volúvel, andarilho, fanfarrão. Era justamente essa a razão de seu charme.

A família de Sadie não tinha a menor consideração por ele, sem dar a menor importância ao fato de que era um instrumentista de grande talento. A seus olhos, ele era apenas um arranha-violão que se recusara a casar com Sadie depois de tê-la engravidado. Como é habitual, foi Sadie quem sofreu as consequências do opróbrio familiar e, por extensão, sua filha – uma bastarda.

Em 1918, Clarence foi convocado para o exército e, ao retornar da França alguns meses mais tarde, afirmava com veemência que havia respirado gases asfixiantes no campo de batalha, mas isso não figura em lugar algum de seus registros militares. Billie, que atendia ainda pelo seu nome de batismo, Eleanora, tinha quatro anos quando ele voltou. Ela só o avistou de longe em longe, durante toda a sua infância.

A mãe de Eleanora era uma jovem pequena e meio gordinha, com um rosto muito bonito. Quase analfabeta, ela ganhava a vida penosamente, cozinhando e limpando as

4. Cidade medieval francesa, capital do departamento de Vosges, famosa pelas baixelas e louças decorativas com motivos domésticos, bucólicos ou religiosos. (N.T.)

casas dos brancos. Assim que chegava em casa, começava a lavar e passava roupa até uma parte da noite. Como já haviam feito sua mãe e sua avó e, sem a menor dúvida, sua bisavó também.

Em 1915, Baltimore era a segunda cidade em população negra dos Estados Unidos, logo depois de Washington, com uma comunidade de 77 mil almas. A imigração havia começado no final da Guerra de Secessão⁵; todos vinham do Sul para as grandes cidades do Nordeste em busca de trabalho nas docas ou naquelas imensas fábricas, cuja fumaça empestava as cidades. A escravidão havia sido abolida, mas a situação dos negros nem por isso melhorara. A fragmentação das grandes propriedades rurais do Sul os havia lançado às estradas. Sem proteção e sem lar, eles se tornaram mendigos errantes ou vagabundos. Aos poucos, foram encontrando empregos como vigias, porteiros ou empregados domésticos. A maioria começou a trabalhar na limpeza de fossas sépticas. Em Baltimore, até essa época, não haviam sido abertos os esgotos.

Que fazer em Baltimore, quando se é mulher, negra, pobre e analfabeta? Trabalhar nos serviços mais pesados, a partir da idade de dez anos. Essa foi a sorte de Sadie, igual ao destino de milhares de outras.

Aos dezoito anos, ela arranhou emprego na Filadélfia. Arrumadeira e cozinheira na casa de uma rica senhora branca, Sadie é simpática, alegre, excelente cozinheira. Mas também é solteira e, no momento em que aparece grávida, é imediatamente despedida por sua patroa escandalizada.

Ela ainda é tão jovem, acabrunhada pelo peso das maldições da família, menina-mãe como sua própria mãe, como sua avó, escrava em uma plantação da Virgínia, cujo proprietário, um belo irlandês cujo sobrenome era Fagan, lhe fizera dezesseis bebês... Nas grandes plantações de algodão no Sul

5. A Guerra Civil Americana (1861-1865), quando o Sul dos Estados Unidos se declarou independente para preservar o direito de autonomia dos estados, mais particularmente para conservar a escravidão, que Abraham Lincoln prometera abolir. (N.T.)

dos Estados Unidos, as mulheres negras eram “encorajadas” a ganhar um filho por ano, para garantir a mão de obra futura...

A pobre Sadie não tem um centavo e não ousa retornar a Baltimore para mostrar seu ventre arredondado. Uma vergonha para uma família que pretende ser respeitável. Aliás, seu pai, Charles Fagan, nem quer vê-la mais. Ele trabalha em um restaurante e se casou com sua terrível Mattie, beata e sempre preocupada com a maneira mais correta de agir e que despreza toda a família do marido. Sadie tem então de labutar no hospital de Filadélfia, esfregar os ladrilhos dos pisos e lavar os doentes em troca de um catre para passar as noites.

Em 7 de abril de 1915, ela dá à luz uma garotinha, Eleanora. Ela a registra sob o nome de DeViese. É o nome do rapaz que está namorando nessa época. Mesmo que ela soubesse com certeza que o pai é Clarence Holiday, talvez estivesse então entretendo projetos matrimoniais com Frank DeViese. Aliás, quando ela se casa mais tarde com Philip Gough, ela dá à garotinha o sobrenome de seu marido. Com o bebê nos braços, Sadie se resigna a retornar para Baltimore. Encontra um trabalho em uma fábrica de roupas. Mas o que fazer com uma criança, quando se trabalha o dia inteiro? E, depois, é preciso confessar que Sadie gosta muito de se divertir e que os homens de sua vida são bastante numerosos.

Essa criança a incomoda, e ela encontra mil desculpas para deixá-la com sua família. Eleanora tem dois anos e é bonita como um coração. Dessa época longínqua só existe uma fotografia, em que ela usa uma bata clara e botinas, com flores brancas nos cabelos. Seriam já gardêneas?...

A garotinha vai sendo jogada de uma casa para outra. Primeiro fica com Robert e Eva Miller, uma meia-irmã de Sadie, que já cria dois filhos; vai depois para a casa de Martha Miller, a sogra de Eva, uma mulher que abria seu coração e sua casa aos meninos pobres do bairro. Uma mulher que Billie realmente amou. Ela a chamava de Avó.

Em sua autobiografia, Billie chama Eva de “Tia Ida” e a descreve como uma mãe espancadora, estúpida e injusta,

que batia nela violentamente como punição pela menor travessura. Socos, bofetadas. É na casa dela que Billie aprende a ter medo da violência, mas sem dúvida adquire ali também o prazer ambíguo de provocá-la. Uma forma de divertimento ao fazer sua tia perder todo o controle quando, em lugar de mentir como seus primos, ela reivindica desafiadoramente as faltas cometidas. É esse seu orgulho. Sempre que Sadie vem visitá-la, Eva lhe repete que sua filhinha vai desonrar a família inteira e que algum dia irá trazer um bastardo para ser criado em casa, do mesmo modo que ela fez. Sadie baixa a cabeça sem retrucar, abraça a criança e vai embora. Eleanora não está ainda em idade de compreender, mas sente raiva de sua mãe por mostrar tanta humildade. Seu ressentimento vai se transformando em agressividade, tanto verbal como física. Um dia, seu primo lhe balança um rato em frente do nariz. A garotinha tem medo de insetos, de tudo que corre depressa pelo chão. Então, de um rato... Ela agarra um bastão de baseball e lhe dá com ele em pleno rosto. Hospital para o garoto, crise de nervos da mãe, uma sova de chicote.

Felizmente, sua bisavó, de 96 anos, a doce Rebecca, lhe consola o coraçãozinho. Essa mulher doente, hidrópica, vivia e dormia sentada em uma poltrona e necessitava de cuidados particulares. Ao voltar da escola, a meninazinha a atendia com amor; dava-lhe banho e lavava as ataduras que trazia enroladas nas pernas. Rebecca descrevia suas lembranças da Virgínia, quando aquele de quem ela recebera o sobrenome – Fagan –, o dono da plantação, deixava sua bela mulher branca e vinha encontrar-se com ela na pequena casinha no fundo do jardim... Ela contava as histórias da Bíblia, também, como uma maravilhosa história de fadas, povoada por monstros e por almas puras. Um dia, ao terminar uma de suas histórias, Rebecca se queixou de estar fatigada e suplicou à garotinha que a ajudasse a se esticar.

– Só um pouquinho – implorou ela.

Seu médico lhe proibira esta posição, mas ela pediu tantas vezes e com tanto jeito, que Eleanora lhe fez a vontade

e se enroscou ao lado dela. Não levou muito tempo e as duas adormeceram.

Quando ela se acordou, a bisavó estava com o braço apertado ao redor de seu pescoço. Estava morta. A garotinha, aterrorizada, começou a berrar e os vizinhos que acorreram tiveram a maior dificuldade para libertá-la do braço já rígido. O choque foi grande e gerou nela uma imensa culpa. A garotinha teve de ser levada para o hospital. Ficou um mês internada, em completa mudez. Ao retornar, recebeu de Eva-Ida um belo castigo. Submeteu-se sem a menor queixa. Sem dúvida, achava que havia merecido. Sua bisavó morrera por culpa dela.

É até possível que tenha sentido prazer ao receber essa punição injusta.

A vida recomeça. Eleanora frequenta uma escola católica. É uma garotinha bonita, com a pele cor de sépia, cabelos lisos e brilhantes. Mas adota um comportamento mais adequado para um rapazinho. Joga baseball, bilhar e dados na rua e pratica boxe na escola; é dessas coisas que ela gosta. E de cantar a plenos pulmões, andar de bicicleta, de patins de rodinhas... ou de lavar as escadarias de mármore branco das belas residências de Baltimore. Quinze *cents* para cada lavagem, ela mesma se encarrega de trazer a escova e o sabão. Um servicinho depois da escola. Pouco tempo depois, em vez da escola.

De vez em quando, entre dois compromissos, seu pai, Clarence Holiday, vem lhe fazer uma visita. Ela se diverte com seu jeito tagarela, com esse garotão atrevido de boca suja. É ele que lhe dá o apelido de *Bill*. Sem dúvida não é estranho que futuramente ela escolha o pseudônimo de *Billie*, já que ela adora esse pai bem falante, cuja vida parece ser uma festa contínua. E depois, ele canta tão bem...

– Ah, nenhuma garota resiste a mim quando eu canto uma música pra ela...

Foi assim que ele seduziu Sadie, em um parque de diversões. Como ela adoraria recuperar aquele que chama

de marido quando se encontra com Eleanora!... Ela enche a menina de esperanças e lhe garante que, algum dia, eles vão formar uma família de verdade. E quem mais iria acreditar nela, além da garotinha?

Durante os anos 20, Baltimore era uma cidade animada; havia música por toda parte, até mesmo nas igrejas. Conjuntos tocavam por toda a cidade. Havia espetáculos ao ar livre, piqueniques ao som de música, bailes populares, excursões dominicais de trem ou de barco até Filadélfia ou Washington, com orquestras a bordo. Nos cinemas, pianistas acompanhavam os filmes mudos e, ao longo das ruas, quartetos de “menestréis” interpretavam as melodias populares mais em voga no momento, acompanhados por crianças que dançavam nas calçadas. As orquestras, como a de Clarence Holiday, tocavam em festas particulares, nos music halls⁶ ou nos teatros. Numerosos músicos profissionais, como o jovem Duke Ellington ou o saxofonista Otto Hardwick, viajavam desde Washington, não só para tocar, como para escutar os músicos de Baltimore, como o percussionista Chick Webb ou o pianista Joe Turner.⁷

Billie cresce, sempre sozinha e cada vez mais livre. Pega serviços avulsos em troca de alguns níqueis. Uma faxina em casa de uma senhora da alta sociedade, babá por uma hora, um recado ou uma encomenda a entregar. Ninguém manda nela, de fato ninguém lhe dá a menor atenção. Sua mãe, sempre envolvida em novos casos amorosos, mal pensa nela. Houve um alívio, entretanto, embora de curta duração. Em 1920, Sadie casa-se com um estivador, Philip Gough. Como a respeitabilidade obriga, Charles Fagan instala os recém-casados em uma casa de North Freemont Avenue, mas a garotinha não vive muito tempo com eles. Seja como

6. Salões de música. Teatros populares do tipo *vaudevilles*, com uma série de números variados, canções, danças, prestidigitação, humorismo etc. Em inglês no original. (N.T.)

7. Edward Kennedy [Duke] Ellington (1899-1974), Otto Hardwick (1904-1970), William Henry [Chick] Webb (1909-1939), “Big Joe” John Turner (1911-1995), músicos de jazz americanos. (N.T.)

for, passa ali alguns períodos de tranquilidade e sempre se recordou de um lar normal com sua mãe e um padrasto cordial. Aos domingos, Sadie, que era profundamente religiosa, sempre a levava à missa.

Contrariamente às igrejas batistas, em que corais extrovertidos batiam palmas com força, acompanhados por trombones, gaitas e pandeiros, nas igrejas católicas não se cantavam as alegres músicas gospel, não se escutavam vozes vibrantes, nem havia balanços rítmicos. A pequena acompanhava a missa tradicional em latim, segundo o ritual católico, apostólico e romano. Simples, contido e pouco demonstrativo.⁸

Ao final de três anos, o casal se separa. Para sua família, Sadie deixa de ter um odor de santidade. Tiram-lhe a casa para pagamento da hipoteca. Sadie aluga um quarto na casa de Viola Green. O sentimento de insegurança da menina cresce ainda mais, mesmo que ela tenha feito amizade com um menino da casa, Freddie, o filho da proprietária. Sadie trabalha como copeira nas casas dos brancos de Baltimore. Nos fins de semana, Billie volta ao lar de Martha Miller. Cada fim de semana, Sadie viaja para Nova York e retorna na segunda-feira de manhã. São viagens que dão o que falar. Quando retorna de seus passeios por Nova York, ela sempre traz roupas muito bonitas para sua filha. Billie está sempre muito bem vestida, saias plissadas e blusas de cetim com mangas balão, cintos envernizados. São presentes de suas patroas, afirma Sadie. As pessoas fingem que acreditam.

A desonra é uma fatalidade. Um perfil que rebaixa as garotas. Eleanora entendeu tudo isso desde a infância. Mas ela tem um caráter muito diferente. Raiva e língua solta. Tem vontade de cantar o tempo todo. Quando está alegre, mas sobretudo quando fica triste. Sente falta da mãe. Percebe o desprezo que a rodeia. Então, para se vingar, ela tenta deixar Tia Eva com raiva, cantando músicas do tipo, *Meu homem*

8. No estado de Maryland, fundado por Lord Baltimore como refúgio para os católicos, durante o reinado de Elizabeth II, o catolicismo era a religião predominante, embora a maioria dos negros americanos fosse protestante. (N.T.)

isto, meu homem aquilo... – blues vulgares demais para o gosto da respeitável tia.

O grande prazer de Eleanora, sempre que tem alguns centavos: ir ao Dunbar, o cinema do bairro em que passam pequenos filmes pretensiosos em que reluz a atriz mais em voga no momento, Billie Dove.⁹ Ela gostaria tanto de ser parecida com essa bela mulher sofisticada, que usa meias de seda branca e sapatos de verniz. Mais tarde, ela chega a adotar seu primeiro nome. A pequena não perde um único de seus filmes e aprende bem depressa que pode economizar dez *cents* se entrar às escondidas pela porta dos fundos.

Frequentemente, Billie mata aula e corre pelas ruas com os meninos. Esses garotos insolentes e de boca suja, entregues a si mesmos, são os reis das pequenas quadrilhas e dos roubos velozes. Mas eles se conservam em seus próprios bairros. Depois da promulgação das “leis Jim Crow”¹⁰, a segregação dos negros tornou-se drástica. Estão proibidos de morar nos mesmos bairros que os brancos, de frequentar as mesmas igrejas, hotéis, restaurantes ou teatros, de sentar na parte da frente de um ônibus ou até mesmo de entrar no mesmo vagão de trem. São proibidos de ter cães. Na maior parte das lojas, os negros não são atendidos, mesmo nas lojas populares do tipo *Five and a Dime*¹¹, de uma das quais Billie não hesita, certo dia, em roubar as meias de seda com que tanto sonhava.

Inevitavelmente, ela é capturada por um policial e, aos dez anos de idade, é levada ao Juizado de Menores. É a primeira de uma longa série de encrencas com as autoridades. O juiz a declara “menor sem guarda” e, durante um ano, ela é

9. Billie Dove (1903-1997): atriz americana do cinema mudo. (N.T.)

10. Jim Crow é o estereótipo do negro no teatro americano, criado a partir de uma peça de 1838, tipo característico do music hall, frequentemente interpretado por brancos de rosto pintado. Por *Jim Crow Bills* se designa a discriminação étnica, especialmente contra os negros, por meios legais ou sanções tradicionais. Em geral eram estabelecidas por posturas de câmaras municipais. Embora no Sul alguns estados passassem leis nesse sentido, foram consideradas inconstitucionais, mas mantidas por pressão social e intimidação. (N.T.)

11. Cinco e dez centavos, lojas do tipo 1,99. (N.T.)

internada na Casa do Bom Pastor, uma instituição criada em 1894 para jovens delinquentes e destinada a meninas negras. É um grande prédio de tijolos vermelhos e aspecto austero, dirigido com mão de ferro por uma ordem de freiras, as “Irmãs dos Pobres”.

Nesse ambiente disciplinado, Eleanora encontra uma espécie de calma. Por motivos de privacidade, ela recebe, como todas as internas, um pseudônimo: Madge. Sob esse nome, que a protege e a corta de sua antiga vida e seu pesado contexto familiar, ela continua a série escolar sob a palmaria de Irmã Margaret. Em março de 1925, ela é batizada e toma a primeira comunhão. A garotinha parece radiante sob seu véu branco. É a primeira vez em que ela é vista animada e tranquila, com um sorriso de orelha a orelha... É a primeira legitimação de Eleanora: no seio da Igreja. É bastante curioso que sua mãe, tão carola, não tenha achado necessidade de batizá-la antes. Ainda mais estranho: ela será batizada uma segunda vez, em agosto do mesmo ano; e uma terceira vez, em 1926, quando retorna ao reformatório do Bom Pastor sob circunstâncias bem mais dramáticas. A criança não diz nada e aceita as múltiplas bênçãos.

Junto da Irmã Margaret, que se afeiçoou por ela, Eleanora passa longas horas aprendendo a costurar. Elas permanecerão em contato. Cada vez que Billie passar por Baltimore, ela irá visitá-la e até mesmo irá cantar um dia no reformatório para as meninas que se parecem tanto com ela.

Ao fim de nove meses, em virtude de seu bom comportamento, Eleanora é devolvida a Sadie. Que alegria encontrar-se entre os braços de sua mãe, risonha e cheia de boas notícias para contar!... Sadie abriu um restaurante, o East Side Grill, a dois passos dos quarteirões animados de Baltimore, ao redor de Pennsylvania Avenue, o bairro dos negros. Sadie cozinha principalmente pés de porco, feijão vermelho e arroz. Mal consegue dar conta do serviço, com apenas dois braços. Mesmo que ainda não tenha onze anos, a garotinha já é convocada e está habituada a trabalhar. Trabalhando até tarde da noite, logo ela larga a escola.

– Sem o menor remorso – afirma ela mais tarde. – Nunca gostei mesmo de ir às aulas. A única coisa útil que aprendi na escola foi fazer gazeta...

Enquanto isso, Sadie passa a morar com um operário chamado William Smith, que atende pelo apelido de Wee Wee. Um rapaz encantador, festeiro e muito mais moço do que ela. Só que Wee Wee vive correndo atrás de saias, e as brigas em casa são numerosas. Apesar do cansaço, é preciso sobreviver. À noite, ela sai frequentemente com Wee Wee. Eles vão a *fast houses* ou a *good times houses*¹², para comer e dançar. A dificuldade maior é escolher aonde ir. Baltimore é uma cidade portuária, cheia de marinheiros de folga e prostitutas de cais. Em certos lugares, a algazarra é tão grande que mal se escuta o som do piano. Eles moram em uma residência ao lado da casa de miss Lou, a mãe de Wee Wee, que aluga quartos a pensionistas. Billie é alojada em um pequeno sótão acima do terceiro andar. Frequentemente fica sozinha.

Voltando para casa com Wee Wee, na madrugada de 24 de dezembro de 1926, Sadie escuta gemidos e soluços. Preocupada, ela vai até o quarto da garota e descobre um de seus vizinhos, Wilbert Rich, abusando da criança. Wee Wee agarra o vizinho firmemente e Sadie telefona para a polícia.

Durante o processo que os opõe ao estuprador, a questão da irresponsabilidade de Sadie volta à baila mais uma vez. Ela perde a guarda da menina. A criança é novamente devolvida aos cuidados das irmãs do reformatório do Bom Pastor.

Esse estupro é uma história bastante estranha. Em sua autobiografia, Billie conta os fatos à sua maneira. Voltando para casa, depois da escola, ela não encontrou ninguém em casa. Billie afirma com o maior cuidado que sua mãe tinha hora no cabeleireiro. O vizinho, que ela apelida mr. Dick (em inglês, *dick* é uma palavra coloquial para pênis), a seduz com uma conversa de que vão se encontrar com a mãe dela. A menina o segue sem desconfiança até uma casa próxima. Um bordel. Uma mulher lhes abre a porta. Ela garante à garotinha:

12. Mais exatamente, *fast-food houses*, “casas para refeições rápidas”, e *good time houses*, “casas de diversões”, em geral semelhantes a bailões. (N.T.)

– Sua mamãe não vai demorar, mas ela telefonou dizendo que vai se atrasar um pouquinho...

O tempo vai passando e a menina começa a pegar no sono. Mr. Dick a carrega para um dos quartos do fundo. Chegando lá, ele a estupra, enquanto a tal mulher segura a criança com firmeza. Mas a menina se debate tanto quanto pode, até que Sadie finalmente aparece, acompanhada de um policial que arromba a porta...

Billie explica que uma das moças de Mr. Dick (um cafetão?), enciumada, havia esperado a chegada de Sadie e a prevenira:

– Sua filha seduziu meu homem e o levou para o bordel...

Fora ela que indicara onde ficava a dita casa de tolerância...

Um relato curioso e teatral. Essa história, descrita muitos anos depois pela Billie adulta, parece pouco plausível. Mas tem o mérito de atrair a atenção para o papel de sua mãe, pelo menos da maneira como ela o percebe. Ela se encontra ao mesmo tempo ausente da cena e simbolicamente presente.

Sem afirmar que Sadie fosse cúmplice dessa violação, constata-se que Billie lança suspeitas sobre sua responsabilidade. Sua mãe está ocupada em outra parte, como sempre faz, com coisas fúteis (está no cabeleireiro). Quem é esta mulher misteriosa que agarra a menina enquanto o outro a estupra? Provavelmente mais uma invenção, que traz à luz um fato que Billie sempre escondeu cuidadosamente. Ela admite que se prostituiu desde muito jovem, mas sempre omitiu que sua própria mãe a havia instalado em um bordel desde sua chegada a Nova York.

De forma semelhante, ela pinta sua mãe como uma mulher exemplar. Se tal fosse o caso, seria um motivo de grande espanto que, em vez de devolver a criança à sua família, o juiz a mandasse de novo para o Bom Pastor. De quem ele pretende proteger a criança? A mãe não apresentava qualquer garantia de moralidade? Mesmo que a criança só tivesse onze anos, o estuprador só ficou três meses na cadeia. Isso

parece muito pouco. Dá para pensar em que tipo de argumentação ele se baseou para sua defesa. Ele implicou Sadie em seu crime? Ele a conhece bem, é um dos vizinhos, pode até ser que alugue um quarto na pensão de miss Lou, e Billie o descreve como um proxeneta. Estaria Sadie trabalhando para ele como prostituta?

Mais uma vez, contra sua própria vontade e talvez inconscientemente, Billie desmascara sua mãe. Em sua autobiografia, ela conta que todas as putas de luxo usavam grandes chapéus de veludo vermelho, enfeitados com plumas de ave do paraíso. Custavam uma pequena fortuna. “Quando minha mãe finalmente conseguiu um”, diz ela, “eu chegava a brigar com ela, porque ela usava o tal chapéu da manhã à noite... Quando ela se enfeitava para sair, me contava que ia arranjar um marido rico que ia nos tirar do serviço pesado.”¹³

Não podia ser mais explícita.

A jovem Eleanora estava, conforme se pode imaginar, envolta na sulfurosa aura sexual que em geral é imposta às jovens detentas. No Bom Pastor, as regras são severas e as punições frequentes. Para obter dinheiro, as religiosas recebiam grandes trouxas de roupa suja e a penosa tarefa de lavá-las era desempenhada pelas internas. Eram jovens negras, delinquentes entre quatorze e dezoito anos, sem grandes escrúpulos. Havia bandos e chefes de bandos. O comércio sexual era moeda corrente entre elas, e a jovem Eleanora, com suas curvas arredondadas pela idade, seu rosto bonito e pele clara, era objeto de frequentes ataques. É obrigada a lutar e, às vezes, forçada a se submeter.

O depoimento de uma das mulheres que trabalhavam no Bom Pastor, Christine Scott, dá uma ideia do comportamento de Billie durante os meses de sua permanência:

Madge (Eleanora) era bem crescida e tinha o corpo normal de uma garota de quatorze anos (na época tinha onze). Tinha

13. *Lady Sings the Blues*, Billie Holiday e William Dufty, Doubleday, 1956. Tradução francesa de Danièle Robert, Parenthèses, 2003.

uma pele castanha muito bonita, os traços de seu rosto eram delicados e sua cabeleira magnífica. Era bonita e limpa. Mas era como um bloco de madeira. Não se interessava por nada, exceto costurar. Sempre estava triste e melancólica. Raramente mantinha relações de amizade com as outras. Durante os recreios, ficava parada sozinha em um dos cantos do pátio.¹⁴

Não resta dúvida de que a garotinha sofria de depressão. A expressão “ela era como um bloco de madeira” descreve bem a imagem de um ser cortado de suas emoções, sem energia, voltado para si mesmo. Depois da violação, ela se destacou de seu corpo. Só queria ignorar sua ferida. Então, passava a inventar histórias para si mesma, fantasiava, mentia para si e para os outros...

Enquanto isso, havia uma outra jovem no reformatório, que nessa época focalizava as atenções. Uma verdadeira tigresa, já abalada pela vida. Colecionava castigos. Além disso, para “marcar sua infâmia”, cada vez que cometia uma infração, era obrigada a usar um velho vestido vermelho. Billie se recorda muito bem dessa outra jovem, uivando descontrolada dentro de seus farrapos vermelhos, em pé sobre um balanço que havia no pátio e que ela impulsionava cada vez mais alto. Nessa ocasião, a madre superiora teria declarado:

– Recordem minhas palavras: Deus vai castigar essa menina.

Nesse mesmo instante, o balanço rebentou e a garota foi projetada contra uma parede. Ela foi ao chão e quebrou algumas vértebras. Esse acidente marcou Billie profundamente.

Um dia, por qualquer erro já esquecido, chegou sua vez de usar o mesmo vestido vermelho. Sua mãe lhe havia trazido uma cestinha cheia de guloseimas e, como ela estava de castigo, distribuíram tudo entre as outras. Mas a punição ainda não tinha sido terrível o bastante. Nesse mesmo dia, havia morrido uma das internas, e a tradição exigia que uma das

14. *Les Multiples Facettes de Lady Day*, Robert O’Meally, Arcade Publishing, 1991. Tradução francesa de Isabelle Barbé, Denoël, 1992.

irmãs a velasse a noite toda na capela. Billie relata que, em vez disso, foi ela que encerraram toda a noite com o cadáver. Impossível suportar uma punição tão perversa. A garotinha batia na porta e gritava tão forte que não deixava ninguém dormir. Quando, finalmente, vieram soltá-la, estava com as mãos dilaceradas e cobertas de sangue.

Sadie moveu céus e terra para conseguir tirá-la de lá. Apelou para seu pai, Charles Fagan, o único que tinha condições financeiras para pagar um advogado. Finalmente, recuperou sua filha. É preciso não esquecer que também precisava da ajuda dela para atender o restaurante.

O fácil mundo da noite

Billie estava muito bem desenvolvida para sua idade. O policial que a prendera não a havia tratado como uma criança, mas como uma criminosa. Isso até seria justo, desde que não a houvessem acusado de atrair aquele bode velho para um bordel. Ela tinha sido posta na prisão para ser castigada. Pelo menos, era assim que Billie encarava as coisas. Nem lhe passava pela cabeça que pudesse ter sido colocada no Bom Pastor a fim de protegê-la.

O estupro e o aprisionamento que o seguiu e que ela vivenciou como se fosse um castigo foram determinantes na maneira como qual ela abordava a vida. Rejeitada pela família, negligenciada pelo pai e pela mãe, Billie é tomada de uma necessidade lancinante de ser aceita. Ela se sente culpada tanto pelo estupro como pela morte da avó. Para aliviar-se dessa culpabilidade, ela se coloca sempre em posições que a levarão a ser punida. Ela se torna dependente dos homens. Sente que seu corpo foi desvalorizado e envilecido e inflige maus tratos sobre ele: álcool e heroína. Pede aos homens de sua vida que a espanquem. Aceita a punição e a dor como um tipo de redenção. Os golpes, através do sofrimento, são um meio de alcançar o prazer.

Dessa infância brutalizada, é possível que a garotinha só pudesse ter conseguido sair após estar definitivamente marcada. Mas, ao contrário, ela sentiu-se impulsionada a recuperar sua vida e esforçou-se por continuar sua existência como uma moça endurecida que se decidira a tomar muito mais do que a dar. O restaurante de sua mãe ia de mal a pior, seu relacionamento com Wee Wee estava indo por água abaixo. Sadie decidiu procurar trabalho em Nova York, no bairro do Harlem, deixando Billie para trás, sob os bons cuidados de sua “avó” adotiva, Martha Miller.

A Vovó Martha se queixava de que a garotinha se tornara incontrolável. Não aceitava mais a menor restrição. Eleanora não voltou para a escola e entregou-se à sedução

do mundo da noite. Uma mulher elegante, Ethel Moore, proprietária de uma “casa de divertimentos” denominada The Point, na zona do meretrício das docas de Baltimore, a tomou sob sua proteção. Era um lugar em que os negros vinham beber, cantar e dançar e, eventualmente, alugar um quarto para um breve encontro amoroso... Ethel ensinou a Billie as regras de um mundo fraudulento, em que se chamava os cafetões de “papais”, as putas de “mamães”, enquanto os demais eram, indiferentemente, “irmãos” e “irmãs”. Uma nova família para Billie. Mais excitante e cordial do que a legítima e que lhe ensinou, segundo se pode imaginar, um mundo de coisas úteis. Entre outras, beber um copo de uísque e fumar um baseado.

Pouco depois, Eleanora cai nas mãos de Alice Dean, a madame de um bordel e dona de um pequeno cassino bastante prósperos, sempre no bairro de Fell’s Point. Magnificamente vestida, com casaco de vison e sempre usando um grande chapéu enfeitado com plumas de ave do paraíso, essa mulher exuberante fascina a garota. Sua casa é muito bem cuidada, tranquila e limpa, “protegida” por policiais regiadamente pagos. Billie propõe seus serviços, e é contratada para esfregar as escadas até sentir câimbras. É uma boa maneira de ser aceita na casa... Faz pequenas tarefas para as damas que ali trabalham, esvazia as bacias, vai buscar sabonete e toalhas limpas. É claro que não passa de uma criada para todo o serviço, mas não se importa com isso. O lugar é maravilhoso, a patroa é afável, as meninas são belas e alegres. Usam ligas de veludo encarnado, algumas vezes fixadas por presilhas, e saias de cetim de todas as cores. Riem, dançam, tocam música. As barreiras desaparecem. Os bordéis são os únicos lugares em que brancos e negros podem se encontrar. Os negros raramente têm dinheiro: a maior parte dos clientes são brancos. Algumas vezes, eles são roubados durante a ação pelas garotas, mas não vão se queixar à polícia.

Logo a posição de Billie “passa de linha para agulha”... Ela se torna a favorita dos clientes. Cheia de curvas arredondadas mas firmes, a pequena Lolita de boca suja agrada aos

cavalheiros. Melhor ainda, ela sabe cantar bem. É o suficiente para transformá-la em *a piece of cake*, um bom bocado: logo se torna a coqueluche da casa. Isso desperta ciúmes, mas Billie logo aprende “a fazer penteados”, isto é, a agradar e tranquilizar as companheiras.

Alice Dean lhe concedeu o privilégio de ir à sua saleta particular para escutar no gramofone Victrola os seus discos de Louis Armstrong e Bessie Smith.¹ *Pops* e Bessie, a “imperatriz do jazz”. Ao escutar *West End Blues*, de Armstrong, Billie prende a respiração. As lágrimas lhe sobem aos olhos, o corpo todo se arrepia e a alegria a invade inteiramente. Billie caiu sob o domínio do jazz. Pela primeira vez, ela escuta cantar sem palavras. A voz é como se fosse um instrumento musical. É justamente o que dirão mais tarde dela, quando a compararem algumas vezes com um saxofone e outras com um trompete.

Nas segundas-feiras, boates e bordéis não abrem. É o Dia Azul, em que se toca blues em sessões fechadas. Se existe um piano, dois ou três pianistas se sucedem. Dançam *black bottoms*² endiabrados. Depois de algumas voltas na manivela da vitrola, escutam-se os últimos sucessos de Mamie Smith, Florence Mills³ ou Louis Armstrong. Billie em seguida aprende a imitar sua voz rouca. Seu ouvido notável lhe permite memorizar e reproduzir todas as suas inflexões. Pouco a pouco, ela adquire um pequeno repertório e acompanha com sua própria voz as melodias em voga.

Bem depressa, adquire o costume de ir de clube em clube para interpretar os sucessos do momento. Ela acaba a noite nas *after hours*⁴ dos bares que permanecem abertos

1. Louis Armstrong (1901-1971) era chamado *Satchmo*. O apelido *Pops* [Vovô] só foi aplicado muito anos mais tarde. Bessie Smith (1895-1937). Ambos músicos negros-americanos. (N.T.)

2. Baixo negro. Em inglês no original. Dança rápida e movimentada, característica dos negros-americanos, cujo ritmo era marcado principalmente pelo contrabaixo (*bottom*). (N.T.)

3. Mamie Smith (1883-1946) e Florence Mills (1895-1927): cantoras de jazz e blues negros-americanas. (N.T.)

4. De madrugada. Em inglês no original. Após a hora determinada para encerramento das atividades dos bares. (N.T.)

após a hora de fechar. Quando o pianista se cansa, põem um disco e ela canta as palavras.

É a época da Proibição.⁵ A partir de 1920, decretou-se que a ingestão de álcool era a mãe de todos os vícios. Sua produção, venda e consumo foram proibidos em todo o território dos Estados Unidos. Os noctívagos bebem uísque de contrabando e fumam maconha nas salas dos fundos das casas fechadas e boates clandestinas, os *speakeasies*.⁶ A carreira de Billie Holiday deslancha justamente nesses lugares em que as pessoas só vêm para dançar. É necessário embalar a boate. O jazz serve para fazer as pessoas esquecerem de sua pobreza, da segregação e da infelicidade.

Billie ama o mundo fácil da noite, o mundo de seu pai. Ela admira o estilo fanfarrão e exagerado dos frequentadores, muito elegantes em seus bonés e sapatos bicolores, os bolsinhos em seda de cores vivas destacando-se como bandeiras na parte interna dos paletós. Ela adora os ombros alargados por ombreiras, o andar gingado dos malandros nas calçadas. Os outros, os que ela chama de “jecas”, não têm a menor possibilidade de agradá-la. Fell’s Point é um bairro perigoso, mas Billie já faz parte da paisagem... Os homens da noite a apreciam e protegem. Ela é espirituosa, canta bem e não tem medo de ninguém. Ela até se diverte a provocá-los. *Kiss my ass!* (“Tô cagando pra vocês!”), grita ela o tempo todo. Aqueles que não se divertem com isso fazem-na passar um mau quarto de hora, caso consigam agarrá-la. Ela conhece como a palma da mão aquelas ruas sombrias que desembocam nas docas ou se enfiam pelas zonas mais miseráveis. Quando um bando de marinheiros bêbados anda atrás de briga, é preciso

5. A chamada “Lei Seca”. As únicas exceções eram os medicamentos com base alcoólica e o vinho usado para comunhão. (N.T.)

6. Embora o termo “conversa fácil” se aplique principalmente aos bares clandestinos dos anos 20, fora cunhado em 1889 para referir estabelecimentos que vendiam bebidas após a hora de fechar, ou seus similares em estados que já haviam proibido bebidas alcoólicas em períodos anteriores; significa que era fácil convencer o *barman* a servir mais uma dose de bebida. (N.T.)

saber lutar só para chegar até em casa. Billie se habitua a enfiar uma navalha na parte de cima de uma das meias.

Algumas vezes, ela se reúne com outras cantoras nos concursos musicais de que ela gosta tanto. Durante a “Noite dos Calouros”, no Custer Theater, as garotas passam pelo palco uma após a outra. Ganha a que receber mais aplausos da plateia. Billie se transforma em um verdadeiro sucesso e chama a atenção de todos. Logo a seguir, ela começa a cantar regularmente no clube Paradise.

Mais tarde, ela confessa ter copiado nota por nota certos temas de Louis Armstrong, como *Them There Eyes*. Armstrong é o primeiro a se apresentar no proscênio, como trompetista e cantor. Sua frase sincopada libera as palavras do acompanhamento. Longe de conservá-las dentro da melodia, ele as desloca, avança um pouco ou retarda um pouco o ritmo com relação ao compasso. Brinca com as sílabas, despreza o acento tônico e ousa substituir as palavras por sons sem significado. É o que chama de *scatter*⁷, ou seja, cantar sua música por cima da música. Ninguém como ele sabe criar uma atmosfera tão descontraída e calorosa, maravilhosamente embalante. Criou um estilo totalmente novo. É o verdadeiro inventor do jazz.

A outra fonte de inspiração para Billie será Bessie Smith, com seu jeito de reduzir uma melodia ao seu essencial e entoar sua linha mais pura. A potência de sua voz de contralto, que se impõe acima da orquestra inteira, sua maneira de escandir as palavras e de declamar como se fosse uma atriz de tragédia são qualidades únicas. Sem a menor dúvida, é a maior cantora de blues de sua época.

7. Espalhar, misturar. Em inglês no original. (N.T.)